

## CUSTO DE VIDA / Um dos mais populares pratos consumidos pelos brasileiros mostra o reflexo do aumento da inflação que atinge os alimentos no país

Internet/Reprodução



Tradicional combinação de carne, arroz, feijão, salada e batata frita encareceu nos últimos 12 meses

# Preço do PF sobe 23% no país e bife some do prato

» MICHELLE PORTELA

Os reflexos decorrentes da inflação dos alimentos fizeram com que o preço médio do prato feito aumentasse 23% nos últimos 12 meses, mais do que o dobro do acumulado no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Com isso, o tão consumido bife bovino está desaparecendo da refeição do trabalhador brasileiro. Em alguns casos, o valor do PF chega a dobrar com a inclusão da carne de boi.

A economista Marcela Kawauti, da Prado Assessoria, utilizou como base para o levantamento do preço do prato feito no país os preços da carne bovina, arroz, feijão, salada de alface e tomate, batata frita, temperos e gás de cozinha vigentes em todo país. Foram incluídos no cálculo também os temperos, como cebola, alho, sal, óleo de cozinha e azeite e o uso do gás de cozinha. Os dados representam a inflação acumulada em 12 meses, até março de 2022.

Os resultados da pesquisa mostram que, embora a inflação acumulada no IPCA seja de 11,30%, o número representa o quanto a cesta média de consumo do brasileiro cresceu entre março de 2021 e 2022. “Mas quando olhamos apenas o crescimento da refeição típica do brasileiro, o crescimento foi de até 34%, como em Porto Alegre”, explica a economista responsável pelo estudo.

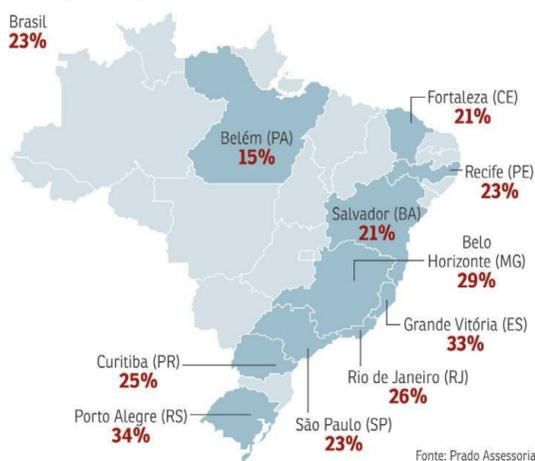
O levantamento explicita que os preços dos bens essenciais ao brasileiro, como a comida diária, por exemplo, têm crescido bem acima da inflação. “A refeição típica avançou o dobro do IPCA. A isso se soma o fato de que o brasileiro não tem conseguido aumentar o valor do seu salário. Seria como dizer que, para comer um prato típico, o brasileiro gasta 23% a mais do que 12 meses atrás, sem ter um salário mais alto”, explica.

A pesquisa demonstra ainda que o preço do prato feito varia entre as capitais. “Por regiões, há algumas diferenças, mas em todos os casos a inflação da refeição típica está acima da média. Em Porto Alegre, foi registrado o maior avanço, de 34%; na outra ponta está Belém, Pará, com avanço de 15%. Em São Paulo, a alta foi de 23%”, avalia Marcela Kawauti.

O problema está na fonte de um dos maiores debates nacionais: os combustíveis, que tiveram aumento de 33,33% nos últimos 12 meses. De acordo com o IPCA, no mesmo período, a cenoura subiu 166,17%; o tomate, 27,22%; a cebola, 10,55%; e a alface, 8,87%.

“A inflação desde o ano passado tem um componente

### Inflação do prato feito nos últimos 12 meses



### Para saber mais

#### Varição em 12 meses até março pelo IPCA

IPCA:	+11,30%
Refrigerador:	+26,35%
Máquina de lavar:	+17,67%
Fogão:	+21,18%
TV:	+12,84%
Automóvel novo:	+18,24%

#### Varição mensal pelo IPCA

	FEVEREIRO	MARÇO
IPCA:	+1,01% /	+1,62%
Refrigerador:	+ 4,13% /	+1,03%
Máquina de lavar:	+3,24% /	+1,14%
Fogão:	+2,11% /	+2,24%
TV:	+0,33% /	-3,02%
Automóvel novo:	+1,68% /	+0,47%

muito perverso: foi concentrada em alimentação, energia elétrica e transporte. São coisas que ninguém consegue deixar de fazer e acabam pesando no bolso da renda mais baixa que não tem margem de manobra no orçamento”, explica.

A renda média do brasileiro ficou em R\$ 2.489 no trimestre encerrado em janeiro de 2022, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população desocupada está em 12 milhões de pessoas.

### Marmitex

O prato feito vendido em restaurantes está sofrendo manobras por parte dos comerciantes. Há restaurantes a quilo que cobram a mais pela carne bovina no prato montado pelo freguês. Como principal item no

custo ao consumidor, o bife faz o valor do quilo ser multiplicado por dois em Belo Horizonte, em Minas Gerais.

Diante de preços proibitivos, há casos de comerciantes que determinam a quantidade de carne que cada cliente pode colocar no prato. “Se o produto não for de boa qualidade, o dono não consegue vender, e há muitas reclamações”, observa o economista Feliciano Abreu, do site Mercado Mineiro, que realiza pesquisa semanal de preços em BH e Região Metropolitana.

A última pesquisa do Mercado Mineiro e o aplicativo comOferta, apresentada em 4 de abril, apontou que o PF é vendido entre R\$ 15,99 e R\$ 48, uma variável de 336%. A refeição combinada registrou um aumento de 1,6% no preço em março.

O marmitex grande apresentou variação de 324% entre fevereiro e março deste ano e os valores de venda estavam entre

R\$ 10,99 até R\$ 46,70. Um encarecimento da marmita de 3% em 30 dias. No marmitex pequeno, a variação foi de 91%, com preços em torno de R\$ 12,99 no produto mais barato e R\$ 23,99 no mais caro.

Quando perguntados sobre a constituição do preço cobrado por um prato feito, donos de restaurantes apontam as carnes como principal item no custo ao consumidor. No caso do boi, o valor do quilo é multiplicado por dois. “O pior é que não dá para isolar o problema. Subiu tudo! Tirar a carne é só um paliativo porque ela é mais cara em relação aos demais ingredientes”, finaliza Marcela Kawauti.

### Selic

A tendência é que os preços não caiam nos próximos anos. “O Banco Central (BC) está pronto para aumentar os juros mais do que o previsto caso a inflação seja maior ou mais persistente que o esperado”, disse o presidente do órgão, Roberto Campos Neto, na última semana.

Em viagem aos Estados Unidos, ele repetiu que o Comitê de Política Monetária (Copom) deve elevar a taxa Selic (juros básicos da economia) para 12,75% ao ano na próxima reunião, em maio, mas deu a entender que ajustes adicionais podem ser realizados. “O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliar o tamanho e a duração dos choques atuais”, diz.

“O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliar o tamanho e a duração dos choques atuais. [O comitê] persistirá em sua estratégia até que o processo de desinflação e a ancoragem das expectativas em torno de suas metas se consolide”, disse Campos Neto, em apresentação a investidores.

### Eletrodomésticos

E os preços altos não param de carregar o bolso do consumidor. A redução de 25% na alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), sendo de 18,5% no caso dos veículos, valendo desde 25 de fevereiro, não chegou ao consumidor, apontam indicadores de inflação.

O IPCA, índice oficial de inflação do governo, mostra que bens duráveis, como eletrodomésticos (geladeira, máquina de lavar, fogão), que passaram a pagar menos imposto com a redução do IPI, desaceleraram os reajustes, mas continuaram subindo de preços nos dois últimos meses.

(Com Estado de Minas)

## Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

## O Estado sem graça

O capitão encrenqueiro e criador de confusões em seus 28 anos como deputado federal pelo Rio, suficientes, a maioria delas, para enfrentar processos disciplinares que o levassem a perder o mandato, chega ao fim de sua presidência como o rebelde em conflito permanente com as instituições da República que tentaram colocá-lo no eixo. É assim que ele conduz a sua campanha à reeleição.

O Congresso ele apaziguou entregando um naco do orçamento fiscal a parlamentares da boquinha, vulgo centrão, para ser fatiado ao gosto da direção das casas parlamentares. O tal “orçamento secreto”, pois não se conhecem os nomes dos parlamentares beneficiados, envolve R\$ 16 bilhões do orçamento da União, mais cerca de R\$ 30 bilhões de emendas de anos passados. É a base parlamentar que ele arrendou para topiar qualquer parada.

O STF é o derradeiro obstáculo para governar ao bel-prazer, embora já tenha indicado dois dos 11 ministros da Corte, o último dos quais, André Mendonça, ex-advogado geral da União, ousou contrariá-lo ao votar pela condenação do deputado arruaceiro Daniel Silveira, um ex-PM do Rio cujos músculos contrastam com os poucos miolos.

Placar elástico: 10 a 1, este de Kassio Nunes, que disputa com o procurador-geral da República Augusto Aras as atenções do padrinho. Mas, nesta ação, a condenação veio de parecer da vice-procuradora-geral Lindora Araújo, ligada a Aras. “É inaceitável que um parlamentar diga: ‘Que o povo entre no STF e agarre o Alexandre de Moraes pelo colarinho dele e sacuda a cabeça de ovo dele e o jogue numa lixeira’”, leu Lindora, sorrindo para Moraes, que também ri.

Não foi o ministro Moraes, relator do caso, que fez a denúncia, ao contrário do que sugere Bolsonaro e os bolsonaristas martelam nas redes sociais. Ele acatou o pedido da PGR na ação em que Daniel Silveira é acusado de coação, incitação à animosidade entre as Forças Armadas e o STF; a defesa do Estado de exceção ao pedir a restauração do AI-5 (instrumento da ditadura), entre outros crimes.

A sentença: oito anos e nove meses de prisão em regime fechado, multa e a inelegibilidade por oito anos. Caso encerrado? Não para Bolsonaro, que um dia depois editou decreto de indulto de graça para livrar o aliado da condenação e afrontar o Supremo.

### Atravessou todos os rubicões

Bolsonaro atravessou todos os rubicões, ao assumir-se como suprintendente da Constituição. Outorgou-se o papel inconstitucional de revisor do STF, embora se servindo de um ato, em tese, legal. Nem autocratas tipo Orban, da Hungria, e Putin, da Rússia, chegaram a tanto. Todos esperaram um segundo mandato para amoldar os tribunais à sua feição. Bolsonaro antecipou o ultraje ao Judiciário.

Partidos já entraram no STF com pedidos de derrubada do decreto de graça, sustentando, entre outros motivos, que o indulto antecede o trânsito em julgado da sentença, além de quebrar o princípio da impessoalidade. O provável é que o indulto não se sustente. Mas na prática já funcionou para Bolsonaro, ao se pôr como vítima de uma suposta conspiração do judiciário e da mídia contra sua reeleição.

Assiste-se, na prática, ao esgarçamento do Direito, iniciado com a Lava Jato, num conluio entre juiz e procuradores, referendado pelas turmas do TRF-4 e STJ. Tudo assistido sem reação pela comunidade do Direito, com a cumplicidade acovardada do Congresso. Bolsonaro é a seqüela da criminalização da política, e é isso que está em causa.

### Autoengano dos mandachuvas

A questão chave não é se presidente pode indultar condenado pelo STF, mas o que o tribunal fará para preservar sua inviolabilidade e se o seu ato saneador terá consequência. Se não reagir de ofício ou instado por terceiros, o Estado de direito será rompido, abrindo-se o vácuo sempre ocupado pelo oficial da guarda, no caso, um capitão.

Discutir a legalidade do decreto presidencial é meio preciosismo. Importa atentar que o presidente se insurgiu contra um ato superior constitucionalmente legítimo. É brincar com fogo junto a um paiol de pólvora repleto de autocrata sob a desculpa de que “ele é assim”, é “tosco e folgado”, conforme o autoengano dos mandachuvas do PL e PP, do tal centrão raiz.

O resumo da situação: houve um golpe, por mais absurdo que pareça. As consequências e reações dirão se foi eficaz ou não. Os olhares se dirigem à sociedade, cuja reação será decisiva, ao empresariado, ao Congresso e às Forças Armadas. Nesta ordem, não ao contrário.

As reações não favorecerem os devaneios bolsonaristas. Na primeira hora, depois que se soube do indulto anunciado por Bolsonaro por meio de uma live, muitos indagaram se era pegadinha de Twitter — fake news, como se diz. Com o avançar das horas, quem tem poder de influência nos meios empresariais e financeiros ficou perplexo.

### Prisioneiros do laissez-faire

Os cenários estão incertos, mas já puseram as agências de risco em campo para reavaliar a ideia disseminada pelos próprios caciques do centrão de que saberiam moderar um político errático que disfarça a sua mediocridade armando confusões à revelia do interesse público.

Afora financistas de moral dúbia e empresários que aceitam trocar a democracia formal por um simulacro de Estado de direito para não ter a volta do PT, a elite empresarial ainda procura alternativas à eleição binária em que seus líderes não representam setores majoritários da sociedade. De Lula esperavam uma renovação que não houve, por ora, nem dele nem do PT. De Bolsonaro nada esperam. Ele teve tempo e não soube recuperar o atraso econômico, no mundo movido por avanços tecnológicos, que aprofunda a erosão social.

A discussão que importa é a travada pelos novos conservadores nos EUA com uma agenda desenvolvimentista mais próxima dos seus rivais do Partido Democrata que dos barões de Wall Street, baluartes do “fundamentalismo de mercado”, como dizem, a la Reagan e Thatcher.

A tal terceira via nunca saiu do traço talvez por ser prisioneira da concepção laissez-faire da economia. Quando João Dória caiu em si, dizendo-se “social liberal”, já era tarde. Para todos, aliás.

Há tempo para uma ampla coligação reformista em torno de programa inovador, que existe, e alguém novo, embora afiliado a um partido, como exige a legislação eleitoral. Nele caberia até Lula, mas não a extrema-direita, que o tempo cuidará de curar, como curou o nazifascismo na Europa e o stalinismo no Leste Europeu. A ver.